

# TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com asterisco não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação subleciona ao propósito de estimular o debate das ideias brasileiras e mundial e de refletir as diversas tendências da pensamento contemporâneo. [debates@folha.com.br](mailto:debates@folha.com.br) [www.folha.com/tendencias](http://www.folha.com/tendencias)

## Enxugando gelo e sangue

LUÍS FERNANDO TÓFOLI

Nos últimos dias, a expressão "enxugar gelo" foi usada duas vezes nesta **Folha** para referir-se à atuação do Estado em relação aos problemas gêmeos das drogas e da criminalidade. O curioso é que ela marca duas avaliações opostas da questão.

Em entrevista ao jornal no dia 11, a socióloga Júlia Lemgruber diz que a guerra "falida" contra as drogas está ajudando a produzir o caos nos nossos presídios e aumentar a violência ao multiplicar as prisões de pequenos traficantes. "Estamos enxugando gelo", diz.

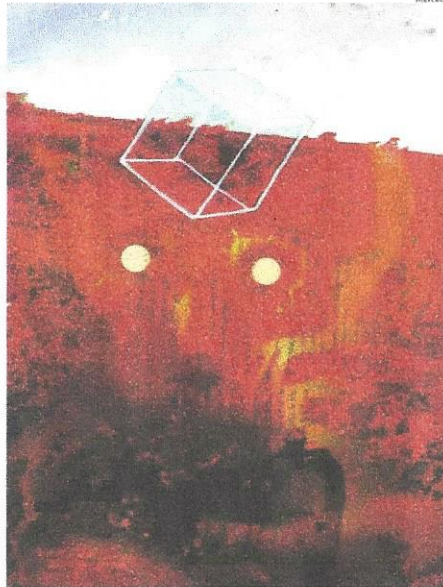
No dia 30 de dezembro, o colega psiquiatra Antônio Geraldo da Silva reconhece em artigo que o governo enxuga gelo no combate às drogas. Seu diagnóstico parece ser o de que falta pulso firme ao Palácio do Planalto para vencer essa guerra.

Antes de analisar essa tensão, permita-me contar uma história: não muito tempo antes da legalização da produção e da distribuição de maconha no Uruguai (porte pessoal para consumo já não era crime por lá), eu fui a um bairro da periferia de uma cidade brasileira para orientar ações de saúde mental. Circulando pelo bairro, perguntei a um profissional de saúde que conhecia muito bem a região: "É difícil comprar drogas por aqui?". A resposta: "Não, doutor. O difícil é não comprar. Está tudo liberado aqui".

Produz-se, dessa forma, uma situação paradoxal: a maconha, o crack e outras drogas são, ao mesmo tempo, proibidíssimas e completamente liberadas. Essa sobreposição de estados se faz acompanhar de um conjunto nefasto de implicações sociais, penais e sanitárias. Tais consequências são particularmente proeminentes no caso daqueles com maiores riscos: os adolescentes — em especial os pobres.

Ainda assim, o rigor me obriga a apontar que, em seu artigo, Antônio Geraldo da Silva se equivocou na interpretação dos dados da Universidade Federal de São Paulo ao afirmar que "37% dos jovens que usam maconha ficam viciados". Na verdade, o estudo citado aponta uma estimativa de que 10% dos adolescentes que usam maconha no ano anterior à pesquisa sejam dependentes. Da mesma forma, ainda existem dados científicos que permitem sustentar a afirmativa de Silva de que o número de usuários de crack "dobrou a cada dois anos".

No caso da maconha, a proibição suprime benefícios do uso medicinal, reprime quem não quer alimentar a criminalidade plantando a própria erva e impossibilita a existência de controle e conhecimento so-



**A proibição da maconha suprime benefícios do uso medicinal e reprime quem não quer alimentar a criminalidade plantando a própria erva**

bre teores de canabinoides, algo particularmente importante para diminuir riscos e maximizar benefícios.

O resultado todos conhecemos: o impacto negativo do consumo de drogas sobre a pressão sobre o SUS também, a violência relacionada ao comércio de drogas ilícitas idem e a população amedrontada dá força a políticos que prometem ainda mais rigor: mais da suposta solução que é, em última análise, o próprio problema. A tragédia do presídio de Pedrinhas é parte dessa equação, como bem aponta Júlia Lemgruber.

Quebrar esse círculo vicioso depende, primeiramente, de reconhecer que o cenário atual é insustentável. Depois, é preciso descajetivar o debate, por assim dizer. Expressões como "droga malidita", "reféns das drogas" e "exército de zumbis" podem ser boas para explorar o me-

do dos telespectadores nos programas vespertinos e no horário eleitoral gratuito, mas não ajudam a avançar as políticas públicas.

Para isso é preciso menos preconceito e mais coragem, como a que demonstraram o Uruguai e os Estados americanos de Colorado e Washington ao decidirem regulamentar sem hipocrisia seus mercados locais de maconha.

Essas experiências devem ser avaliadas de forma atenta e desapaixonada no Brasil, em especial neste ano de eleições presidenciais, no qual a tendência dos candidatos é repetir 2010 e endurecer o discurso da repressão na disputa pelo voto conservador.

Enquanto diversos países avançam em direção a uma abordagem distinta da fracassada guerra às drogas, seria muito ruim se a sociedade brasileira condenasse a si própria a passar os próximos anos enxugando gelo — e sangue.

LUÍS FERNANDO TÓFOLI, médico, doutor pela Universidade de São Paulo, é professor de psiquiatria na Universidade Estadual de Campinas

# PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens por e-mail ([leitor@folha.com.br](mailto:leitor@folha.com.br)), fax (011/3137-31644) e correio (al. Baulo de Almeida, 425, São Paulo, CEP 01202-900). A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

## "Rolezinhos"

Os shoppings estão nas cidades e a segurança pública é responsabilidade dos Estados. Entretanto, os leilistas envolveram o Judiciário com liminares e agora o governo federal com reuniões por causa do "rolezinho".

Melhorar a mobilidade urbana e estabelecer áreas de lazer e cultura depende das cidades. A segurança pública deve ser acionada apenas se houver manifestações com bandeiras, problema de desordem ou ameaça de saque.

LUÍZ ROBERTO DA COSTA JR. (Campinas, SP)

Presumir que o "rolezinho" levará a depredações e a agressões demonstra uma ótica não só preconceituosa mas também desinformada, visto que os incidentes foram exceções absolutas.

Se o problema é a superlotação (que também acontece na época de Natal), o correto seria estabelecer um número limitado de frequentadores nos shoppings, independentemente de fazerem parte ou não do "rolezinho".

BRUNO C. CRISTO TEIXEIRA (Belo Horizonte, MG)

O repórter Leandro Machado, em "Os rolezinhos estão aí porque são divertidos" ("Cotidiano", 18/1), relembrou de alguns pontos de referência que existiam e existem nos bairros para ver e ser visto. Com a internet e as redes sociais, agora esses pontos de encontro são escolhidos, podendo inclusive ser alvo de pequenos grupos mal intencionados.

O melhor foi a constatação de que "hoje, com o 'rolezinho' pop, existe o coitadismo, que tenta vitimar demais o morador da periferia", e que "o pior, penso, é que a periferia virou causa e alvo de críticas sem antes ser ouvida".

WILSON APARECIDO DE OLIVEIRA (São Paulo, SP)

Temos que dar um voto de confiança aos shoppings. Afinal, a ascensão social promovida pelos últimos governos foi algo tão rápido que de uma hora para outra um novo contingente de pessoas passou a frequentar esses estabelecimentos, pegando-os de surpresa, já que não prepararam uma estrutura para receber um público tão grande. Que museus, teatros e bibliotecas fiquem avisados sobre esse novo fenômeno.

GERALDO MAGELA DA SILVA XAVIER (Belo Horizonte, MG)

## Ciência

Quero manifestar minha extrema preocupação com a informação de que a presidente Dilma ofereceu o MCTI (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação) ao PSD como recompensa por apoio eleitoral (Painel, 19/1).

É preciso entender que ciência, tecnologia e inovação precisam de regularidade de orçamento e de gestão e que outros países têm investido pesado na agenda de pesquisa e inovação tecnológica como combate à crise.

O MCTI teve o sexto melhor desempenho entre os 39 ministérios, em recente avaliação de uma empresa de consultoria.

Se tivessem ouvido também os cientistas, a aprovação da gestão atual do ministério teria sido ainda maior. Vamos fazer política, mas vamos respeitar a ciência.

HELENA B. NADER, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (São Paulo, SP)

▶ LEIA MAIS CARTAS EM [www.folha.com.br/paineldoleitor](http://www.folha.com.br/paineldoleitor)

▶ SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: [saa@grupofolha.com.br](http://saa@grupofolha.com.br) 0800-775-8080 Grande São Paulo: 011/3224-3090

▶ OMBUDSMAN: [ombudsman@folha.com.br](mailto:ombudsman@folha.com.br) 0800-015-9000

# ERRAMOS

[erramos@folha.com.br](mailto:erramos@folha.com.br)

**CIÊNCIA** (16.JAN.PÁG.C7) Diferentemente do que foi publicado na reportagem "Fóssil de réptil é achado no Rio após 70 anos engavetado", o financiamento da Faperj foi de R\$ 8.000, e não de R\$ 8 milhões, como foi erroneamente informado no texto.

## Creches

Em "A vida nas costas" ("Cotidiano", 18/1), a **Folha** induz seus leitores ao erro ao acreditar que crianças carentes ficaram sem atendimento porque as creches municipais estão de férias.

A prefeitura consultou todas as famílias sobre suas necessidades, 8.000 crianças foram inscritas e 91 polos estão funcionando. A reportagem mostra que a mãe desprezou a oferta de vagas e está com a criança em risco. Serviços de assistência social e de proteção à criança já foram acionados.

MAGALI ROMBOLI, Assessoria de Comunicação e Imprensa, Secretaria Municipal de Educação (São Paulo, SP)

**NOTA DA REDAÇÃO** - A informação da secretária sobre o funcionamento dos polos e a consulta aos pais foi contemplada na reportagem.

## Desemprego

A PNAD Contínua (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio Contínua) revela que o desemprego subiu nas áreas mais pobres. É a geração nem-nem, nem estuda nem trabalha.

O governo terá de se conformar com os números e aceitar que "dar o peixe" ao indivíduo é apostar no fracasso do país.

IZABEL AVALLONE (São Paulo, SP)

## Ambiente

A propósito de declarações do diretor da SOS Mata Atlântica ("Governo acatou chantagem, diz ecologista", "Podler", ontem), informamos que Minas Gerais possui a maior área remanescente desse bioma no país e desenvolve várias ações, como o Projeto de Proteção da Mata Atlântica, que investe em criação de unidades de conservação, fiscalização e educação ambiental.

Outra ação são os corredores ecológicos, que visam recuperar 50 mil hectares até 2015. Desde junho de 2013, uma força-tarefa realizou seis operações, com embargo de 7,5 mil hectares utilizados sobretudo para produção ilegal de carvão. Foram aplicados R\$ 18,5 milhões em multas.

DIOGO FRANCO, assessor chefe de Comunicação da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Belo Horizonte, MG)

## Site da Folha

Gostei do site, mais bem organizado e com visualização mais suave. Creio que os editoriais merecem um destaque maior.

JOÃO ROBERTO MONTEIRO (São Paulo, SP)

Está mais prático, leve e com maior destaque para o noticiário. Sugiro um "últimos anúncios" que valorize e chame mais a atenção dos leitores para os classificados. Conheci e aprendi a gostar do jornal depois do advento da internet, já que em minha cidade o acesso ao impresso é difícil.

JORGE PEREIRA DE OLIVEIRA (Guanambi, BA)

## Mudança

A mudança demorou muito. Espero que a versão tablet e smartphone também seja alterada, pois a navegação é difícil. Não é preciso inventar. Jornais no mundo todo já criaram interfaces simples e fáceis.

MARCOS BERNARDINI (São Paulo, SP)

## Uma boa ação social

LUÍZ GONZAGA BERTELLI

**A aprendizagem como ação de assistência social permite que o jovem ganhe autostima, favorecendo uma futura efetivação**

Além do descolamento entre currículo e a vida do aluno, especialistas identificam que — em especial no grupo dos 9,6 milhões da geração nem-nem (nem estudam nem trabalham) —, a desistência da escola está vinculada ao que chamam de ambiente cultural de antecedentes de fracasso. O desistente geralmente é o primeiro da família a atingir esse patamar de estudo e pertence a comunidades carentes, em situação de vulnerabilidade e exclusão do mercado formal de trabalho.

Um programa dentro das políticas públicas de inclusão profissional que vem demonstrando eficácia é o da aprendizagem incentivada pela lei nº 10.097/00, reconhecida como ação de assistência social.

Conjugando treinamento prático nas empresas e capacitação teórica ministrada por entidade qualificadora, conta hoje com 280 mil jovens de 14 a 24 anos em formação profissional, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, com a meta de

atingir até o final do ano a marca de 1 milhão de aprendizes.

Ao lado da fria letra da lei e respondendo por um terço dos jovens em capacitação profissional, o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) vivencia o lado humano da aprendizagem, testemunhando seu impacto benéfico nos jovens e suas famílias, que também são incluídas no processo com encontros de orientação e constante acompanhamento de assistentes sociais.

Inseridos no ambiente corporativo e contando com salário e outros benefícios, que reforçam a renda familiar, os jovens descobrem o valor do aprendizado contínuo, ganham autostima e adquirem posturas que favorecerão uma futura efetivação ou mesmo o sucesso no primeiro emprego formal.

Com um detalhe animador: aptos a conciliar trabalho e estudos, muitos decidem avançar na carreira e partem para a universidade ou o pequeno negócio próprio.

Com tal força inclusiva, inegavelmente a aprendizagem é daquelas boas ações de assistência social que, além de dar o peixe, logo de início ensina a pescar.

LUÍZ GONZAGA BERTELLI é presidente executivo do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE)